

História, fé e exemplaridade: pensando o trajeto de Alceu Amoroso Lima¹

Marcelo Timotheo da Costa

Introdução

Este texto discute a atuação do intelectual católico Alceu Amoroso Lima (1893-1983) e as diferentes recepções a ela associadas. Busca-se entender como Amoroso Lima organizou fé pessoal e experiência no mundo da ação. E, indo além, tenta-se demonstrar que as respostas deste pensador, ao que via como desafios dos tempos, motivaram a construção de modelos de exemplaridade diversos que teriam sido encarnados pelo próprio Alceu.

Pretendo centrar a análise em dois momentos particulares da trajetória amorosiana: as celebrações públicas do cinquentenário (1943) e dos oitenta e cinco anos de Alceu (1978). Separadas no tempo, tais comemorações têm em comum algo mais que o homenageado. Em ambos os casos, *a celebração fez-se texto* - saudações, mensagens, depoimentos dirigidos a Alceu foram coligidos e editados, resultando, respectivamente, no livro *Alceu Amoroso Lima: testemunho* e em número especial da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*.²

Tais obras tornam-se uma espécie de monumento - um memorial - associado a Alceu. “Panteões literários” que revelam dois modelos de

exemplaridade bastante diversos. Construções que, na sua singularidade, lançam luz sobre a atuação de Amoroso Lima e a recepção da mesma através do século, principais objetos da presente discussão.

Caminhos confluentes

Antes, porém, de seguir adiante, apresento algumas informações contextuais.³

Os caminhos da Igreja católica brasileira e de Amoroso Lima, seu intelectual leigo mais destacado, estiveram intimamente ligados. Alceu converteu-se após longo debate epistolar com Jackson de Figueiredo, militante católico conhecido por suas posições reacionárias. Corria o ano de 1928 e Alceu, aos trinta e cinco anos incompletos, abraçava uma instituição ainda em processo adaptativo à República oficialmente laica. Um neoconverso numa Igreja em movimento.

Tempos que ganham em dinamismo no regime de Vargas, quando se intensificam os esforços por uma redefinição dos vínculos entre o Estado e a Igreja católica nacional, culminando com a aproximação de ambos. É a implementação do modelo de neocristandade, cujo marco inicial foi a célebre Carta Pastoral de D. Sebastião Leme quando arcebispo de Olinda e Recife, em 1916.

Mais do que apenas reagir à vida moderna e ao mundo, tratava-se de cristianizá-los. Marcar ostensivamente a presença da Igreja em múltiplos setores sociais. Neste espírito triunfalista e de conquista, foram criados movimentos dirigidos a vários segmentos: mulheres, classe média, operariado, juventude. Bons exemplos são a Aliança Feminina (iniciada em 1919), a Congregação Mariana (1924), os Círculos Operários (1930), a Juventude Universitária Católica (1935).

Cuidou-se de manter a influência católica no sistema educacional, visando também sua ampliação com o estabelecimento de ensino superior confessional. Projeto concretizado com a fundação do Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES) em maio de 1932, futura PUC-Rio.⁴

Foi incentivada a formação de leigos, mesmo que rigidamente submetidos à hierarquia. Em termos políticos, pontificou a Liga Eleitoral Católica (LEC), que, indicando candidatos comprometidos com propostas da Igreja, alcançou retumbante sucesso quanto à inserção das mesmas na Constituição de 1934.

Neste contexto, a atuação de Amoroso Lima é notável. Alçado à liderança da *intelligentsia* católica por D. Leme, já arcebispo do Rio de Janeiro e

maior expoente do clero nacional, Alceu cerrou fileiras em torno das propostas católicas de então, especialmente do projeto de neocristandade.

No decênio seguinte à sua adesão ao catolicismo, Amoroso Lima pôs-se freneticamente em ação. Acumulou as direções do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*, vacantes devido a morte de Jackson de Figueiredo ainda em 1928; ajudou a criar o já citado ICES; fundou e presidiu a LEC, presidindo também a Junta Nacional da Ação Católica; foi reitor interino da Universidade do Brasil.

E, sobretudo, escreveu. No mesmo intervalo, lançou mais de uma vintena de obras - entre elas, *Tentativa de itinerário*, *Política*, *Problema da burguesia*, *O espírito e o mundo*, *Indicações políticas* e o livro que o próprio autor considerava mais importante e autobiográfico: *Idade, sexo e tempo*. Renascido na fé, Alceu logo procurou fazer com que a mesma transparecesse em seus escritos - mais que isso, seu credo parece transbordar os textos.

Amoroso Lima torna-se figura referencial. Sua militância, solicitada e abençoada pela hierarquia - a começar por ninguém menos que D. Leme -, é apresentada como exemplar. Alceu é apontado como modelo de crente. A visão de um século dessacralizado, tido freqüentemente como condenável e condenado, só vem acentuar o papel paradigmático desempenhado por Amoroso Lima. Exemplaridade resumida durante a citada celebração dos 50 anos de vida de Alceu, em 1943. Festejo consignado no também aludido livro *Alceu Amoroso Lima: testemunho*. Obra analisada na próxima seção.

O primeiro Panteão: ao cavaleiro campeão da fé

Em *Testemunho*, Alceu é homenageado por sessenta personalidades católicas, predominantemente prelados, que elaboram textos para a ocasião.

O livro guarda claro senso hierárquico: é encabeçado pela mensagem do Núncio Apostólico, D. Bento Aloísio Masella, que depõe em nome do papa Pio XII, “gloriosamente reinante”.⁵

As duas próximas saudações como que descem dos Céus. São de D. Leme e do arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar d’Afonseca e Silva, já falecidos à época da homenagem. Do primeiro, os organizadores vão buscar uma elogiosa carta sobre Alceu, escrita anos antes. Já o segundo deixara mensagem preparada para a ocasião. De uma forma ou outra, o resultado é o mesmo: os testemunhos parecem vir de bem próximo a Deus.

Seguem, pela ordem, os textos assinados pelos arcebispos de Salvador (e Primaz do Brasil), Rio de Janeiro e Porto Alegre - respectivamente, D. Augusto Álvaro da Silva, D. Jaime Barros Câmara (que assumira a Sé do Rio naquele mesmo ano de 1943) e D. João Becker.

Valendo-me de expressões bem próprias à tradição católica, pode-se dizer que Alceu é elevado entre os fiéis - seja pela “Igreja celestial e triunfante” nas pessoas de D. Leme e D. Gaspar, seja pela “Igreja terrestre e peregrina”.

Ao coro de homenagens se juntam - nesta ordem - outros arcebispos, bispos, bispos preladados, administradores apostólicos. São quarenta e quatro depoimentos na primeira seção do livro, chamada “Testemunho da Hierarquia”. Na segunda parte da obra - “Testemunhos dos seus Mestres, dos seus Companheiros, dos seus Discípulos” -, dezesseis artigos, de padres e leigos, completam os sessenta textos arrolados no total geral. Como se vê, a escala de dignidades episcopais e religiosas é seguida à risca. Impossível haver imagem mais clara: em *Testemunho*, diante de Alceu, como numa caminhada processional, desfilava a Igreja tridentina.⁶

Há mais. Não é apenas a disposição do livro que salta aos olhos. A caracterização de Amoroso Lima nele contida é por demais reveladora. A seguir, tento compor o “retrato” de Alceu, reunindo os traços fornecidos pelos vários autores de *Testemunho*. Ver-se-á que, apesar da multiplicidade de depoentes - na verdade, mais numerosos que diversos -, a imagem de Amoroso Lima que se depreende da obra em questão é bem definida.

Antes, um esclarecimento: não pretendo considerar toda a longa lista de virtudes e atributos endereçados a Alceu em *Testemunho*. Trata-se, aqui, de ressaltar apenas as qualidades que, uma vez remetidas a Amoroso Lima, ajudariam a entender sua atuação pública e a construção de uma exemplaridade a ela associada.

Mas, afinal, que Alceu é celebrado em meados dos anos quarenta? É, principalmente, o defensor do catolicismo romano. Neste sentido, impressiona a recorrência de famosa imagem paulina: Amoroso Lima seria aquele que “combateu o bom combate.”⁷ Trecho evangélico expressamente lembrado por vários dos missivistas.⁸

As evocações cruzadistas continuam: à p. 29, o arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Correia, classifica Amoroso Lima de “[...] ilustre paladino da causa católica para a honra da Igreja e da Pátria.”⁹

A figura do paladino, cavaleiro andante medieval que vagava pelo mundo empenhado na prática da justiça, não permite dúvidas. Amoroso Lima é apresentado, com a chancela de parte considerável do Episcopado nacional, como uma espécie de “campeão da fé”, sempre pronto para defender a Igreja e suas causas. Ao encontro desta interpretação vem o depoimento de D. Ranulfo da Silva Farias, arcebispo de Maceió, que vê em Alceu o “[...] fidalgo aureolado das letras, iluminado por Deus, [...] armado cavaleiro do bem, para novas, lucilantes empresas e honoríficos cometimentos.”¹⁰

No limite, o ideal do cristão cavaleiresco e combatente é sintetizado por D. Antônio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte: Alceu é o novo Percival.¹¹ Basta ter em mente o ciclo arturiano para aquilatar a força do paralelo. Percival: o cavaleiro do Rei que, por sua total fidelidade e pureza de amor, logrou encontrar o Santo Graal e dele beber. Em vez de servir ao monarca inglês, Amoroso Lima armara-se “[...] soldado disciplinado do Cristo-Rei.”¹² Comparação e tom recorrentes: para o bispo D. Antônio Zattera, Alceu, através de seus escritos e palavras, representava a “[...] sentinela vigilante do exército mobilizado de Cristo Rei.”¹³

Declarações por si só importantes para entender o papel de Amoroso Lima naqueles anos de neocristandade, onde a Igreja se via cercada, sitiada, em meio a um mundo hostil e a ser conquistado em luta renhida. Há mais.

A repetida menção à realeza universal de Cristo não é sem propósito. Indubitavelmente, tal formulação data de muitos séculos. Dela há registro, por exemplo, no texto fundador do monaquismo ocidental, a Regra de São Bento.¹⁴ Presente em *Testemunho*, a mesma idéia lança luz sobre o debate católico contemporâneo: a festividade de Cristo Rei é a mais recente das celebrações em honra a Jesus - foi instituída por Pio XI que explicou seu sentido na encíclica *Quas primas*, em dezembro de 1925. A ligação com o projeto de neocristandade é inequívoca. Segundo o liturgista espanhol R. González:

Para o papa, os grandes e vários males que afetam o mundo têm sua raiz no fato de que “a maioria dos homens se tinha afastado de Jesus Cristo e de sua lei santíssima”. Por isso, o papa crê que “não há meio mais eficaz para restabelecer e revigorar a paz do que procurar a restauração do reinado de Jesus Cristo”. Por isso institui a festa “de nosso Senhor Jesus Cristo, Rei” no último Domingo de outubro.¹⁵

Neste contexto, deve ser interpretado o cruzadismo de Alceu e sua exaltação como acontece em *Testemunho*. Combativo apostolado que ganha, na obra citada, dimensão monumental. Caráter bem expresso por D. Joaquim Domingues de Oliveira, bispo de Florianópolis, que, ao dar sua contribuição em *Testemunho*, diz ser ela “[...] modesta e obscura pedrinha para o monumento que se projeta levantar à glorificação, justa e solene, de Alceu Amoroso Lima [...]”¹⁶

Por tudo que foi dito, Alceu encarnaria mais que um exemplo possível de católico, ele seria o próprio fiel modelar.¹⁷ Amoroso Lima, *o católico leigo*. Ao qual se dedicava um (etéreo, posto que literário) Panteão.

Creio ter explicitado o primeiro registro de exemplaridade amorosiana, produto da adesão de Alceu à Igreja e ao projeto romanizador da época. Mas, com o passar dos anos, o intelectual em questão vai mudando sua visão eclesial, bem como sua atuação daí decorrente. Amoroso Lima, aos poucos, perde o caráter de “leigo padrão” conforme disposto em *Testemunho*. E enquanto Alceu se constrói no tempo, procurando enfrentar os desafios do mesmo de acordo com sua leitura de fé, outro registro de exemplaridade vai sendo associado a ele. É este movimento que ocupa as próximas linhas.

O segundo Panteão: ao Alceu extramuros

Não há condições de detalhar aqui o trajeto amorosiano. Frise-se que, a partir de meados da década de quarenta - ou dos anos próximos a seu cinquentenário -, Alceu começa, paradoxalmente, a se desvincular da imagem cristalizada em *Testemunho*.

A herança conservadora de Jackson já vinha sendo relativizada há algum tempo, especialmente pelo contato constante com pensadores franceses como Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Yves-Marie Congar. É o início de viagem reflexiva, longa e não linear rumo a um catolicismo mais progressista.¹⁸

Retorne-se à segunda metade dos anos quarenta. D. Leme falecera há pouco. Com o próximo arcebispo carioca, Alceu terá crescentes dificuldades de relacionamento graças a admiração que ele, Amoroso Lima, nutria por Jacques Maritain, condenado na Cúria romana e no Palácio de São Joaquim.

Ambiente difícil e tenso, contrário ao vivenciado por Alceu nos tempos de D. Sebastião Leme - basta dizer que D. Câmara chegou a manter um censor instruído a ler com cuidado os artigos de Amoroso Lima para neles assinalar influências “modernizantes” de Maritain. Se não ocorreu cerceamento maior à atividade amorosiana, tal se deveu, muitas vezes, à intercessão de outro Câmara, o Pe. Hélder (futuro arcebispo de Olinda e Recife onde se notabilizará como um dos expoentes da Igreja latino-americana), amigo comum do novo cardeal e de Alceu.¹⁹

Em 1945, Amoroso Lima deixa a presidência da Ação Católica. Entre 1951-53, esteve afastado do país, ocupando diretoria na União Pan-Americana, em Washington.

A caminhada destas duas últimas décadas contribui para que, ao reiniciar suas atividades no Brasil, Alceu, em vez de encarnar uma espécie de “magistério leigo da Igreja”, o faça como “cidadão privado”. Neste sentido, pode-se dizer que Amoroso Lima:

[...] não é mais o Alceu “leigo oficial”, é [apenas] o Alceu intelectual. E que tem uma enorme liberdade [...] o Alceu que se debruçava toda semana para ver as coisas novas que estavam surgindo. E estudá-las, com muito carinho, sem dar juízos definitivos. Seus juízos, ao contrário, passam a ser muito nuançados, muito cuidadosos, abertos.²⁰

Voltando ao país, Amoroso Lima vai principalmente lecionar - nas Universidades Nacional e Católica - e escrever para jornais. Diga-se que o articulista, de início ocultado pelo pseudônimo Tristão de Atahyde, era anterior à conversão de Alceu: começara, em 1919, como crítico literário. Manteve-se presente desde então com poucas descontinuidades. Convertido, transferiu para as folhas sua fé - a princípio, refletindo o posicionamento de porta-voz do projeto de neocristandade. Cambiando no universo dos crentes, mudará também discurso e ação.²¹

Penso que é esta atitude de focar o dia-a-dia com as lentes de uma fé mais pluralista - movimento bem discernível já em meados dos anos cinqüenta e que Gómez de Souza definiu como um carinhoso debruçar-se sobre coisas novas - que permitirá a construção de outra exemplaridade, diversa da anteriormente remetida a Alceu.

Trazer a fé, um assunto sublime, à esfera cotidiana é característica constitutiva da literatura judaico-cristã.²² Fiel a tal tradição, Alceu, com “enorme liberdade”, vai se posicionando diante dos tempos: nenhum assunto parece escapar-lhe. Postura que resultará na coleção de cinco livros intitulada esclarecedoramente “Crônica do Tempo Presente”. Refiro-me às obras *Revolução, reação e reforma* (de 1964, artigos compilados de 1958-64), *Humanismo ameaçado* (1965, artigos de 1962-64), *Experiência reacionária* (1968, artigos de 1964-66), *Em busca da liberdade* (1974, artigos de 1967-73) e *Revolução suicida: testemunho do tempo presente* (1977, artigos de 1973-77).

Amoroso Lima oscila entre o universal e o local. Sua pauta inclui, por exemplo, o risco de uma hecatombe nuclear, a ascensão de Castro em Cuba e o gaullismo francês. Aventurou-se a opinar (favoravelmente) sobre a revolução jovem, os *Beatles*, o fenômeno *hippie*. E, claro, havia os temas brasileiros: comentou o governo e renúncia de Jânio Quadros, advogou a necessidade de uma reforma agrária digna do nome e apoiou as reformas de base propostas por Goulart, defendeu a extensão do direito de voto aos analfabetos.

Mas é, sobretudo, na oposição ao regime militar e denúncia de arbitrariedades que suas colunas irão lograr maior repercussão. Afinal, já em maio de 1964, no *Jornal do Brasil*, Alceu denunciava

[...] os processos mais antidemocráticos de cassar mandatos, suprimir direitos políticos, demitir juizes e professores, prender estudantes, jornalistas e intelectuais em geral, segundo a tática primária de todas as revoluções que julgam domar pela força o poder das convicções e deter a marcha das idéias.²³

Atendo-me a alguns casos, lembro que Amoroso Lima, de sua tribuna, executou a imposição da censura prévia, indagou pelo paradeiro do ex-deputado Rubens Paiva, ousou repetidamente defender religiosos dominicanos acusados pelo novo regime de ligações com a guerrilha - situação que causava embaraço e, em alguns casos, constrangedores silêncios na hierarquia católica.²⁴

Zuenir Ventura sintetiza, anos depois, a relevância de Amoroso Lima naquela época: “[Alceu] Era uma leitura obrigatória. Era a grande referência, referência política.”²⁵

Para Otto Lara Resende, a voz amorosiana “livre e altiva” funcionou como “[...] a consciência de uma nação sufocada sob uma censura hipócrita e rude”.²⁶ Voz que alcança “milhões de leitores” na avaliação de outro Otto, desta vez, Maria Carpeaux, transformando seu dono numa “bandeira”.²⁷

Note-se que a própria fonte de onde retirei os depoimentos de Lara Resende e Carpeaux concorre para o que se afirma aqui. Refiro-me ao número especial da revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (já citado na introdução do presente trabalho), que dedica parte considerável de suas páginas à celebração dos 85 anos de Amoroso Lima, ocorrida em 1978. Como dispõe a chamada de capa, prestava-se uma “homenagem ao grande brasileiro.”

Como *Testemunho*, o número especial de *Encontros...* representa outro Panteão (também etéreo, literário) dedicado a Alceu. Mas - e é o que se quer explicitar aqui - *Encontros...* reflete um registro de exemplaridade bem diferente daquele definido em 1943.²⁸

Em vez do cruzado, espelho dos fiéis da neocristandade, transparece o crente que antecipara o Vaticano II, sendo, depois, chancelado em suas opiniões na redação final dos documentos conciliares.²⁹ Revela-se, portanto, uma exemplaridade mais plástica, aberta para a pluralidade. Alceu, poder-se-ia dizer, passara “do bastão à misericórdia.”³⁰ “Misericórdia”, “sofrer junto”, lembra a discursiva cristã. Coerentemente, Alceu parece querer dividir os sofrimentos impostos pela ditadura, denunciando-os, posicionando-se.

Postura reconhecida além da *orbe* católica, extramuros. A escolha dos missivistas de *Encontros...* privilegiou a diversidade. Contam-se membros da Igreja institucional, fiéis leigos e não crentes. Perfilam-se, com os já mencio-

nados Carpeaux e Lara Resende, o combativo cardeal Arns, o então frei franciscano Leonardo Boff, Hélio Pellegrino, Antônio Houaiss, Nelson Werneck Sodré, Oscar Niemeyer e outros.³¹

O editor Ênio Silveira, ao apresentar os textos, resume seu espírito: enfatizar o papel referencial desempenhado por Alceu durante quinze anos “de sombria ditadura”. Para Silveira, Alceu tornara-se um “Monumento à Dignidade Humana”.³²

Caráter modelar também avalizado por Zuenir Ventura em entrevista bastante posterior:

Dr. Alceu é o grande ícone daqueles tempos, o paladino da liberdade, o “cara” da resistência, o velho que acompanha maio de 68. O que, de certa maneira, me levou àquela conclusão [expressa no livro *1968: o ano que não terminou*] de que a geração de 68 não é uma geração de idade mas de afinidade. [...] Ele realmente “comprou” a causa jovem, ele tinha uma identificação, afinidade com a garotada, com o que a garotada estava fazendo naquele momento. O que era difícil! Porque, para além do radicalismo daquela época, ele entendia, ou pelo menos via, o que havia de melhor naquela mensagem [...] Ele não era um “cara” de esquerda, Alceu não era um revolucionário. Ele conseguia entender, aceitar essa diferença: diferença que era o jovem, diferença de idade, diferença de cultura, diferença de projeto. Porque, repara só, não eram os jovens da Juventude Católica, eram os jovens *enragés*.³³

E, afirma Zuenir, reforçando a idéia de *Encontros...*:

O Dr. Alceu nunca foi preso porque era prender um monumento. A sensação era que prender o Dr. Alceu naquele momento - fisicamente, materialmente -, era tentar botar na cadeia um monumento.³⁴

Quanto ao novo registro de exemplaridade conferido a Amoroso Lima, é muito importante deixar claro que, se o papel modelar descrito em *Encontros...* é bem diverso daquele de *Testemunho*, a atuação de Alceu é sempre explicada pelo seu cristianismo.

Assim, a presença amorosiana na cena pública é interpretada pelo mencionado Ênio Silveira como decorrente da postura “autenticamente cristã” de Alceu.³⁵ Conexão também destacada por Oscar Niemeyer. Para o famoso arquiteto, um ateu convicto, Amoroso Lima apresenta-se como

[...] o homem superior que compreende seu tempo e nele se integra consciente e generoso.

E toda manhã abria o jornal na página em que escreve, à espera da palavra desejada.

Atento, na sua trincheira, Tristão de Athayde continua nesta luta pela liberdade que tão bem se harmoniza com seu Deus.³⁶

Enfim, se o Alceu paradigmático cambia, permanece a imagem de alguém que teria aliado crença pessoal à ação exterior de forma memorável, em meio aos desafios dos tempos.

Conclusão

Procurei demonstrar a constituição de dois modelos de exemplaridade remetidos a Alceu Amoroso Lima. Imagens paradigmáticas festivamente transformadas em palavra escrita.

Testemunho e *Encontros*... são museus ideais dedicados a Alceu - ele, sua ação e a recepção desta através do tempo motivaram a construção de tais panteões literários.

Há também significativas diferenças. *Testemunho* exalta principalmente o católico romanizador. O crente fechado em suas certezas, pronto para fazê-las triunfar.

Já *Encontros*... expõe o Amoroso Lima do *aggiornamento* eclesial, aberto à pluralidade; o Alceu celebrado intra e extra-muros da Igreja.

Assim, tendo em mente o agir amorosiano nas suas últimas décadas de vida e também lembrando o étimo original do termo “católico” - *universal* -, pode-se dizer que *Encontros*... eleva um Alceu que, ao mesmo tempo, procurou traduzir sua fé da forma mais literal e também notavelmente livre.

Marcelo Timotheo da Costa é doutorando em História pela PUC-Rio

Notas

1. A presente reflexão é uma versão modificada e bastante ampliada do texto “Desafios dos Tempos: cristianismo, testemunho e exemplaridade”, trabalho apresentado no “Seminário sobre o Papel da Igreja Católica nos 500 Anos da História do Brasil”, na PUC-Rio, em novembro de 2000.

2. As referências completas são: FRANCA, Leovigildo et al. (org.). *Alceu Amoroso Lima: testemunho*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1944 e *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, edição especial.

3. Para maior aprofundamento ver: BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974; MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989 e TODARO, Margaret Patrice. *Pastors, Prophets and Politicians: a study of Brazilian Catholic Church: 1916-1945*. Tese de Doutorado, Universidade de Columbia, 1974.
4. Um relato sobre a constituição da Universidade Católica carioca pode ser encontrado in: CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 135-142.
5. Cf. in: FRANCA, Leovigildo et al. (org.). op. cit., p. 9. A data do documento também é significativa, elevando-o em dignidade: véspera do Natal de 1943.
6. Há ainda uma terceira seção em *Testemunho* onde, a título de ilustração, os organizadores reúnem alguns textos do próprio Amoroso Lima. Pela ênfase conferida à hierarquia no livro, a presente análise vai se pautar na sua seção primeira.
7. Remissão a 2 Tm 4,7 - onde o Apóstolo Paulo, aprisionado e perto do martírio, afirma: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé.”
8. Cf., p. ex., às pp. 13, 31, 47 e 60.
9. A identificação da Igreja com o país é bastante freqüente nos discursos da época.
10. Op. cit., p. 32.
11. Cf. in: op. cit., p. 28.
12. A expressão é de D. Florêncio Sizinho Vieira, bispo de Amargosa. Cf. in: op. cit., p. 69.
13. Op. cit., p. 68.
14. Cf. no seu Prólogo, versículo 3 e no cap. 61, 10. Utilizo a consagrada versão de D. João Evangelista Enout (2a. ed., Juiz de Fora, Mosteiro da Santa Cruz, 1998).
15. In: GONZÁLEZ, R. “Outras Festas do Senhor”. In: BOROBIO, Dionisio (org.). *A Celebração na Igreja: ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 191-92. As citações utilizadas por González são da encíclica *Quas primas*.
16. Op. cit., p. 22.
17. O bispo da pequena Caitité, D. Juvêncio Brito, toma-o por “perfeito padrão de católico”. Cf. in: op. cit., p. 43.
18. Os câmbios amorosianos foram repetidamente assumidos pelo próprio Alceu em textos de sua autoria e declarações públicas. Em entrevista concedida em 1969, Alceu é enfático: “A subida da montanha se faz em ziguezague, por isso não me arrependo de modo nenhum de ter mudado ao longo de minha vida. Mudei e mudarei até o fim [...]” (In: AMOROSO LIMA, A. *Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos coligidos por Francisco de Assis Barbosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 92.) Será um entusiasta do Vaticano II desde sua convocação e morrerá admirando a Teologia da Libertação (quanto a este ponto, ver: AMOROSO LIMA, A. Op. cit., pp. 264 e 267).
19. Cf. in PILETTI, Nelson & PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. Rio de Janeiro: Ática, 1997, p. 161.
20. Entrevista do sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza ao autor, 15/02/2000. As expressões “cidadão privado” e “magistério leigo da Igreja” também são de Gómez de Souza.

21. A complementaridade entre fé interior e atividade externa é um tema recorrente na obra amorosiana. Um dos livros onde esta tese é mais mencionada é *Meditação sobre o mundo interior* (Rio de Janeiro: Agir, 1955).
22. Cf. in: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971; ver especialmente o capítulo 1: “A Cicatriz de Ulisses”, pp. 1-20.
23. Artigo reproduzido in: AMOROSO LIMA, Alceu. *Revolução, reação ou reforma?* 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 319-320. Como já disse, a 1ª ed. é de 1964.
24. Alceu também iria prefaciar o livro *Cartas da prisão* onde um dos religiosos, Frei Betto, relata seus anos de cárcere (1969-1973).
25. Entrevista ao autor, 28/07/2000.
26. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, dezembro de 1978, p. 247.
27. *Ibidem*, p. 269.
28. É interessante notar também que, ao contrário da obra de 1943, a homenagem de 1978 não tem disposição hierárquica. O primeiro texto é de Ênio Silveira, representando a editora. Vêm em seguida Frei Betto e, depois, D. Paulo Evaristo Arns - algo inconcebível na organização de *Testemunho*: um frei (que, aliás, no caso de Betto, tem apenas a ordem diaconal, não é sacerdote) anteceder a um cardeal! Logo após, alinham-se fiéis leigos e não católicos - algumas vezes, estes à frente daqueles; outras vezes, o contrário se dá. Finaliza a celebração o então frei (consagrado) Leonardo Boff.
29. Movimento de antecipação e chancelamento que é comprovável na obra amorosiana *João XXIII* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966). Cf. na seção inicial, uma edição de cartas pessoais de Alceu para sua filha, Maria Teresa, religiosa beneditina enclausurada.
30. Apropriei-me da expressão que Alberigo utilizou para caracterizar a evolução do magistério católico no século XX. Cf. in: ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 269.
31. Neste período, a aclamação de Alceu por tão variadas personalidades teve sua contrapartida na oposição de grupos mais conservadores a Amoroso Lima. Ele mesmo confirma: “Os tradicionalistas e os integralistas me consideram como um traidor.” (Entrevista a *O Pasquim*, citada in: AMOROSO LIMA, A. *Memorando dos 90 ...*, p. 116.)
32. Cf. ambas as citações de Ênio à p. 202 de *Encontros...*
33. Entrevista ao autor, 28/07/2000. O “paladino” divisado por Ventura também é movido pela fé cristã, como aquele festejado em *Testemunho*. Mas sua luta não é pela Igreja tridentina e contra o mundo moderno dessacralizado. A missão mudara: tratava-se de um combate que unia crentes - membros da Igreja institucional inclusive - e não crentes contra a ditadura imposta em 1964.
34. *Ibidem*.
35. In *Encontros...*, p. 202.
36. Op. cit., p. 250. Faço observação assemelhada à antepenúltima nota: a metáfora da “trincheira” é recorrente em *Testemunho* e em *Encontros...* Mas ela evoca campanhas

diversas. Em 1943, era a cruzada em defesa da neocristandade. Durante o regime militar é ressaltado o Alceu que combatia ladeado por outros opositores do governo constituído, católicos ou não.

Referências bibliográficas

- ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- AMOROSO LIMA, Alceu. *Em busca da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. *A experiência reacionária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- _____. *Pelo humanismo ameaçado*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- _____. *João XXIII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- _____. *Meditação sobre o mundo interior*. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- _____. *Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos coligidos por Francisco de Assis Barbosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Memórias improvisadas: diálogos com Cláudio Medeiros Lima*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____. *Revolução, reação ou reforma?* 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Revolução suicida: testemunho do tempo presente*. Rio de Janeiro: Ed. Brasília/Rio, 1977.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, edição especial.
- CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ENOUT, João Evangelista (tradução). *A regra de São Bento*. 2ª ed., Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1998.
- FRANCA, Leovigildo et al. (org.). *Alceu Amoroso Lima: testemunho*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1944.
- GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. Entrevista ao autor, 15/02/2000.
- GONZÁLEZ, R. "Outras Festas do Senhor". In: BOROBIO, Dionisio (org.). *A Celebração na Igreja: ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PILETTI, Nelson & PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. Rio de Janeiro: Ática, 1997.
- TODARO, Margaret Patrice. *Pastors, Prophets and Politicians: a study of Brazilian Catholic Church: 1916-1945*. Tese de Doutorado, Universidade de Columbia, 1974.
- VENTURA, Zuenir. Entrevista ao autor, 28/07/2000.

Resumo

Este texto discute a relação entre fé pessoal e atuação pública. Com base na trajetória do intelectual leigo católico Alceu Amoroso Lima, procura-se analisar as distintas recepções associadas à ação de Amoroso Lima através do tempo. Quer-se também demonstrar a construção de dois modelos idealizados de católico, que teriam sido encarnados pelo próprio Alceu em períodos diferentes e por razões variadas. Modelagens que contribuem para entender não apenas a vida e obra de Amoroso Lima como seu contexto.

Palavras-chave

Pensamento social brasileiro, catolicismo, intelectuais cristãos, Alceu Amoroso Lima, identidade católica.

Abstract

This text discusses the relationship between personal faith and public performance. The life of Alceu Amoroso Lima, an intellectual layman, is taken to analyze how a man's attitude, concerning this subject, can evolve along time. This paper also aims to demonstrate the building-up of two idealized catholic models that would had been embodied by Alceu himself in different periods and by various reasons. It is suggested that these models would contribute to understand not only Amoroso Lima's life and work but also how it fits in his time.

Key-words

Brazilian social thought, Catholicism, Christian intellectuals, Alceu Amoroso Lima, Catholic identity.